

# OPINIÃO

Os artigos assinados publicados nas páginas A2 e A3 não expressam necessariamente a opinião de A TARDE. Participe desta página: e-mail: opiniao@grupoatarde.com.br. Cartas: Redação de A TARDE/Opinião - R. Professor Milton Cayres de Brito, 204, Caminho das Árvores, Salvador-BA, CEP 41822-900

## ACM Neto deixará um legado para além das obras

**Cintia Kelly**

Jornalista, apresentadora e comentarista de política

cintiakelly@yahoo.com

A fala do recém-eleito presidente estadual do PT, Edén Valadares, a um programa de rádio, chamou minha atenção. Disse que não daria nota zero ao prefeito ACM Neto, mas cometeu o sacrilégio de destacar, dentre tantas ações, a pintura de meio-fio e organização do trânsito, salientando que o democrata "é um prefeito que faz o feijão com arroz".

A política funciona assim, querido leitor. Não basta falar das benfeitorias do seu campo político. Tem que minimizar o trabalho do adversário, sobretudo quando se está a um ano da sucessão deste mesmo adversário.

Ao contrário do que aconteceu em 2016, cuja reeleição de Neto era favas contadas, a eleição de 2020 promete ser a mais disputada dos últimos anos, com o PT, diferentemente de quatro anos atrás, disputando a cabeça de chapa. Não sou Madame Beatriz, mas duvido que o partido prescinda de protagonista a disputa.

A campanha de 2020 talvez traga um novo elemento. Depois de muitos anos, não veremos a velha cantilena da importância do alinhamento do candidato a prefeito com o governo do Estado e/ou governo federal.

Conversava com um amigo sobre o legado a ser deixado por Neto depois de oito anos ocupando o Palácio Thomé de Souza. Citei o Hospital Municipal. Ele retrucou. Disse que Neto mostrou que uma cidade pode ser administrada sem o governo do estado, sem que a cidade seja uma secretaria do governo.

Não tive como discordar. Esse é o maior legado de Neto do ponto de vista político. E dele vem o legado tangível, palpável

com o uso de recursos próprios, parcerias e verbas repassadas à gestão.

Citei o Hospital Municipal, mas ainda na saúde, ele elevou a cobertura da atenção básica de 18% para quase 50%. Ainda é pouco para uma cidade com uma população pobre e que depende da saúde pública. Mas é inegável o avanço.

Na briga pela paternidade do metrô, Neto perdeu na retórica e partiu para construir o controverso BRT, que deve ajudar a desafogar ainda mais o famigerado trânsito de Salvador e dar mais conforto a quem é usuário do transporte público.

Escurraçado da chamada cidade de plástico na campanha de 2012, o democrata requalificou a comunidade Guereira Zeferina.

Na educação, o município melhorou o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica).

A gestão, entretanto, não tem apenas coisas positivas, a desigualdade social em Salvador é gritante. E isso Neto não conseguiu resolver.

Salvador lidera o ranking do desemprego. O democrata não conseguiu vencer esses dados desfavoráveis que vez ou outra reverte com Recife. Há ainda muito o que ser feito na cidade e para a população que nela mora. Porém, entre essa constatação e dizer que o atual prefeito é apenas um mero pintor de meio-fio [aqui não é uma crítica aos pintores de meio-fio], vai uma longa diferença.

*A gestão, entretanto, não tem apenas coisas positivas, a desigualdade social em Salvador é gritante. E isso Neto não conseguiu resolver*

## Santa Dulce deixou uma sucessora

**Jorge Solla**

Deputado federal pelo PT

A nossa Santa Dulce dos Pobres foi canonizada pela Igreja Católica por dois milagres Post mortem. A sua obra em vida, todavia, está revestida da santidade. Em 1949, ocupou um galinheiro para cuidar de 70 doentes que vivam na rua. Transformou-o num dos maiores complexos de saúde 100% SUS do país, com mil leitos. Pelos mais pobres, os indigentes, os que nada tinham, invadiu cinco casas para dar-lhes um teto. Fez escolas, orfanato, abrigo para idosos. Construiu um império do bem, as Obras Sociais Irmã Dulce (OSID), que segue salvando milhares de vidas.

Tão desafiador como construir foi manter cada serviço. Pelos pobres, batia de porta em porta. Perdiu a comerciantes, a grandes empresários, banqueiros, políticos. Pelos pobres, conseguiu criar uma rede de apoiadores fiéis. Mas se a santidade agora reconhecida pela Igreja Católica imortaliza Santa Dulce dos Pobres em nossa fé, ela sabia que a inexorável finitude de sua vida representava um desafio à continuidade de sua obra.

A sua sobrinha, e então jovem Maria Rita Lopes Pontes, com 33 anos, jornalista no Rio de Janeiro, foi sua escolha para suceder-lhe. Outra mulher, também franzina, de voz mansa e de uma inteligência rara. Uma aposta audaciosa em alguém que pouco conhecia de gestão, tampouco carregava o apelo de uma verdadeira santa na hora de pedir doações.

Desde de 1989 Maria Rita assumiu a missão que mesmo um banqueiro dedinou, por entender-se incapaz. Enfrentou e venceu todas as crises – elas, as crises, fazem parte da rotina diária de uma instituição que nunca deixou de viver no limite da dificuldade financeira, operando milagres com o que arrecada. O surgimento do SUS ampliou as

possibilidades de financiamento de custeio e investimento. Ainda assim, longe de arcar com todos os gastos.

Com muito poder de mobilizar governos e opinião pública pela OSID, Maria Rita comandou, em três décadas, uma contínua expansão de serviços com forte incorporação tecnológica. São 3,5 milhões de procedimentos ambulatoriais e 12 mil cirurgias por ano, 5 mil atendimentos oncológicos por mês, 2 mil pessoas atendidas por dia. Tudo isso sem abrir mão do lema "Amar e Servir", uma filosofia de acolhimento, de amor, de promover atendimento à saúde humanizada, como ensinou Santa Dulce.

Eu era secretário de Saúde da Bahia e vi de perto quando Maria Rita comandou um ato de rebelião e ousadia que deixaria Santa Dulce muito orgulhosa. Assim como sua tia tomou o galinheiro para fazer pelos mais pobres, Maria Rita ocupou o campo de futebol do SESI. Quando a negociação parecia fracassar, fez precisão e fincou a imagem de Dulce no gramado, vizinho do Hospital Santo Antônio. Sua ousadia acelerou a desapropriação do terreno, onde hoje funciona um dos maiores centros de tratamento oncológico 100% SUS do país. Maria Rita nunca reivindicou protagonismo, mas já tem seu nome inscrito na história como uma das grandes mulheres da Bahia. Segue, com voz calma e olhar sereno, sendo uma gigante a conduzir o legado de Santa Dulce dos Pobres.

*Maria Rita assumiu a missão que mesmo um banqueiro declinou, por entender-se incapaz. Enfrentou e venceu todas as crises*

## O litoral nordestino e a guerra comercial global

**Henrique Campos de Oliveira**

Professor do Curso de Relações Internacionais e Economia da Unifacs, CEO da empresa Junior Chronos - International Solution/Unifacs

henrique.oliveira@unifacs.br

O litoral nordestino vem sendo assolado por petróleo cru há pelo menos um mês. Historicamente, os estados dessa região, que tem no turismo uma de suas principais atividades, já enfrentam, principalmente no interior, vários problemas ambientais (com a seca) e econômicos (com a economia de subsistência). Para além dessas questões endógenas, contudo, o desastre ambiental atual é um reflexo direto da guerra comercial internacional.

O ambiente internacional está marcado por um ambiente de disputa comercial

entre as nações (como já visto em vários momentos na história contemporânea), porém, agora, evita partir para a guerra total devido à interdependência econômica e, em último caso, por causa do receio do conflito atômico.

Mas o que isso tem a ver com manchas de óleo em Boipeba? Ora, se o conflito direto não é possível, a disputa não se resume a trocas de tweets entre chefes de Estado, aplica-se medidas a um passo do conflito, tais como os embargos exercidos

*O atual desastre ambiental não será o último se mantida a informalidade nas relações comerciais*

pelos EUA ao Irã, a Cuba, à Venezuela e à Coreia do Norte. Ao passo que a abrangência de embargos aumenta, mais comércio clandestino acontece; afinal, esses países também precisam de insumos. O petróleo ainda é a principal fonte energética no mundo. Criar embargo para fornecedores de produtos de petróleo não impedirá sua comercialização, somente dificultará, pois se trata de um mundo ainda dependente.

Os próprios EUA, China, bem como o Brasil, dependem do petróleo. Dentro de um jogo para limpar os rastros da origem venezuelana do petróleo, o produto passa a ser vendido para a Rússia, a fim de ser refinado e depois reexportado para ganhar o mercado internacional.

Assim como qualquer atividade que beira à clandestina, as operações de distribuição também não seguem rigidamente as regras internacionais. No caso,

específico do petróleo venezuelano, este segue para ser transferido para outras embarcações no mediterrâneo ou em águas internacionais no atlântico.

Embora não tenha sido confirmada a hipótese, levantada até nesta quinta-feira, dia 31 de outubro, havia a possibilidade de o óleo ter sido vazado de um navio fantasma com bandeira de conveniência liberiana. Conforme apontam as investigações da Polícia Federal, divulgadas na sexta-feira, dia 1º de novembro, o vazamento foi oriundo de navio de bandeira grega que saiu da Venezuela com destino ao mediterrâneo e que já havia sido advertido por autoridades estadunidenses por suas condições precárias de operação. Com isso, temos o atual desastre ambiental, que certamente não será o último, se mantida essa tendência à informalidade nas relações comerciais internacionais, decorrente da guerra comercial.

## ESPAÇO DO LEITOR

opiniao@grupoatarde.com.br

☞ **O porteiro**

Se não for sibilina a declaração da Procuradora de Justiça do RJ Dra. Simone Sibillo ("...nós trabalhamos com prova técnica. O que podemos afirmar é que quem autorizou a entrada do Elcio foi o Ronnie Lessa. Se o porteiro mentiu, se equivocou, se ele esqueceu, isso a sequência das investigações poderá esclarecer..."), foi equivocada sua decisão de remeter a investigação sobre "seu Jair" para o STF, haja vista que o presidente da República não responde por crime cometido antes do exercício de seu mandato presidencial. Maior equívoco cometeu o PGR Augusto Aras, recém nomeado por "seu Jair", ao arquivar o pedido do MP-RJ sob pretexto de que "...não havia elemento que pudesse importar ou atrair investigação profunda...". Como assim, se o porteiro do Condomínio Vivendas da Barra, no qual residiam "seu Jair", seu filho Carlos (casa nº 36) e Ronnie Lessa (casa nº 65), o principal suspeito de haver desferido a saravada de balas que matou a vereadora Marielle e o motorista Anderson, fez o assentamento da visita de Elcio Queiroz para a casa nº 58, do então deputado federal Jair Bolsonaro, no dia do duplo assassinato, ou seja, quando este último nem aparecia com destaque nas sondagens na corrida presidencial de 2018? E ainda vem o Dr. Sérgio Moro, que jogou sua

carreira de juiz federal na lixeira, bem como a própria "Lava Jato", na qual ele mesmo confessou que "poderia ter prendido muito mais gente" (é aí que a prova torce o rabo), para se tornar ministro da Justiça de "seu Jair" e daí, por seus relevantes serviços prestados ao seu chefe, ser nomeado para o STF, com essa história de que o porteiro poderá responder a processo criminal por obstrução à justiça, falso testemunho e denunciação caluniosa. Ora, se o porteiro fizesse um depoimento à Polícia Civil do Rio de Janeiro contraditório ao dito assentamento, aí sim, ele estaria se entregando. De resto, agora não há mais dúvida de que Ronnie Lessa e Elcio

*O baixo nível nas posturas políticas dos Bolsonaro continua. A mais recente foi de seu filho, um deputado federal que chega ao deslante de insinuar a edição de um AI-5*

Queiroz são cúmplices, assim como é público e notório que ambos fazem parte das milícias e do "escritório do crime" e mantêm estreitas ligações com um certo Fabrício Queiroz, o "faz tudo" da família presidencial. Ligações perigosas. O Dr. Moro ainda aduz que pode ter ocorrido "...eventual tentativa de envolvimento indevido do nome do presidente da República no crime em questão...". Ora, Dr. Moro, o presidente da República tem mais é que proceder como a mulher de Júlio César, o imperador romano: "não apenas ser honesta, mas mostrar que é honesta". Essa coisa está cada vez mais sibilina, misteriosa. "Et pour cause"... BOANERGES AGUIAR CASTRO, BOANERGESAGUIARCASTRO@GMAIL.COM

☞ **Baixo nível**

O baixo nível nas posturas políticas da família Bolsonaro continua. A mais recente foi de seu filho, um deputado federal que chega ao deslante de insinuar a edição de um AI-5 diante de manifestações populares. Pelo visto ele desconhece a ditadura que adotou um posicionamento antidemocrático ao extremo, incluindo o fechamento do Congresso Nacional. A repercussão da declaração foi ampla. Que esse parlamentar entenda que a democracia deve ser um desafio e mais, exige uma prática transparente e leva em consideração o interesse coletivo e não cor-

porativo. URIEL VILLAS BOAS, URIELVILLAS-BOAS@GMAIL.COM

☞ **Óleo nas prais do Nordeste**

Dilu, parabéns pelo tema atual e palpitante - "Óleo nas prais do Nordeste" (Espaço do Leitor 28/10). Você sabe que sou um reativo lógico. Entendo que houve fuga, da sua parte, do foco principal para vagar-se em temas alheios e não condizentes com o real efeito deletério de tão grave poluição. Ilações sobre o caos sócio cultural e principalmente a revolução imoral no mundo; o caso Marielle etc, e supostas possibilidades de privilégio por localização geográfica obscureceram um pouco a sua preocupação ambiental. Seu questionamento talvez seria: o Estado brasileiro tem capacidade (competência e grana) para minimizar desastres humanos ou naturais? Tenho eu cá minhas dúvidas. Tive a percepção de ter havido demora no início das ações por falta de comando coordenativo; informações contraditórias e divulgações paralisantes e intensivas de mentiras (fake) com intencionalidade escusa. Faltou também parabenizar, mesmo sem coordenação e noção dos riscos, as ações do bravo povo brasileiro. Esta é apenas uma opinião complementar. Não tenho o monopólio da verdade absoluta... Axé, minha amiga! PAULO MENDONÇA, PAULO MENDONCA3000@GMAIL.COM